

ACM COSTUMA TRANSFORMAR ALIADOS EM ADVERSÁRIOS, COMO ENSAIA FAZER AGORA COM FHC

Metamorfose Ambulante

Raul Seixas

Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
(...)

Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Eu quero dizer
Agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser
(...)

Se hoje eu sou estrela
Amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou ator
(...)

Até que a ocasião os separe

Solano Nascimento
Da equipe do Correio

Há quatro anos, durante uma entrevista que depois seria transformada no livro *Política é Paixão*, o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) discutiu com um dos jornalistas que lhe faziam perguntas e disse uma frase difícil de ser encaixada em sua trajetória política. “Eu não sou de abandonar barcos”, bradou o senador, que em mais de quatro décadas de carreira se especializou em transformar aliados em adversários políticos, numa espécie de metamorfose cíclica.

Ao ensaiar agora passos para oposição a um governo que ajudou a reeleger e sustentar, tentando criar um imposto antipobreza a contragosto do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) — que amarga seu mais baixo índice de popularidade —, Magalhães está se repetindo. Ainda que se possa usar eufemismos, a verdade é que vem pulando de embarcações desde que se afastou de amigos que lhe ajudaram a começar a carreira política na Bahia.

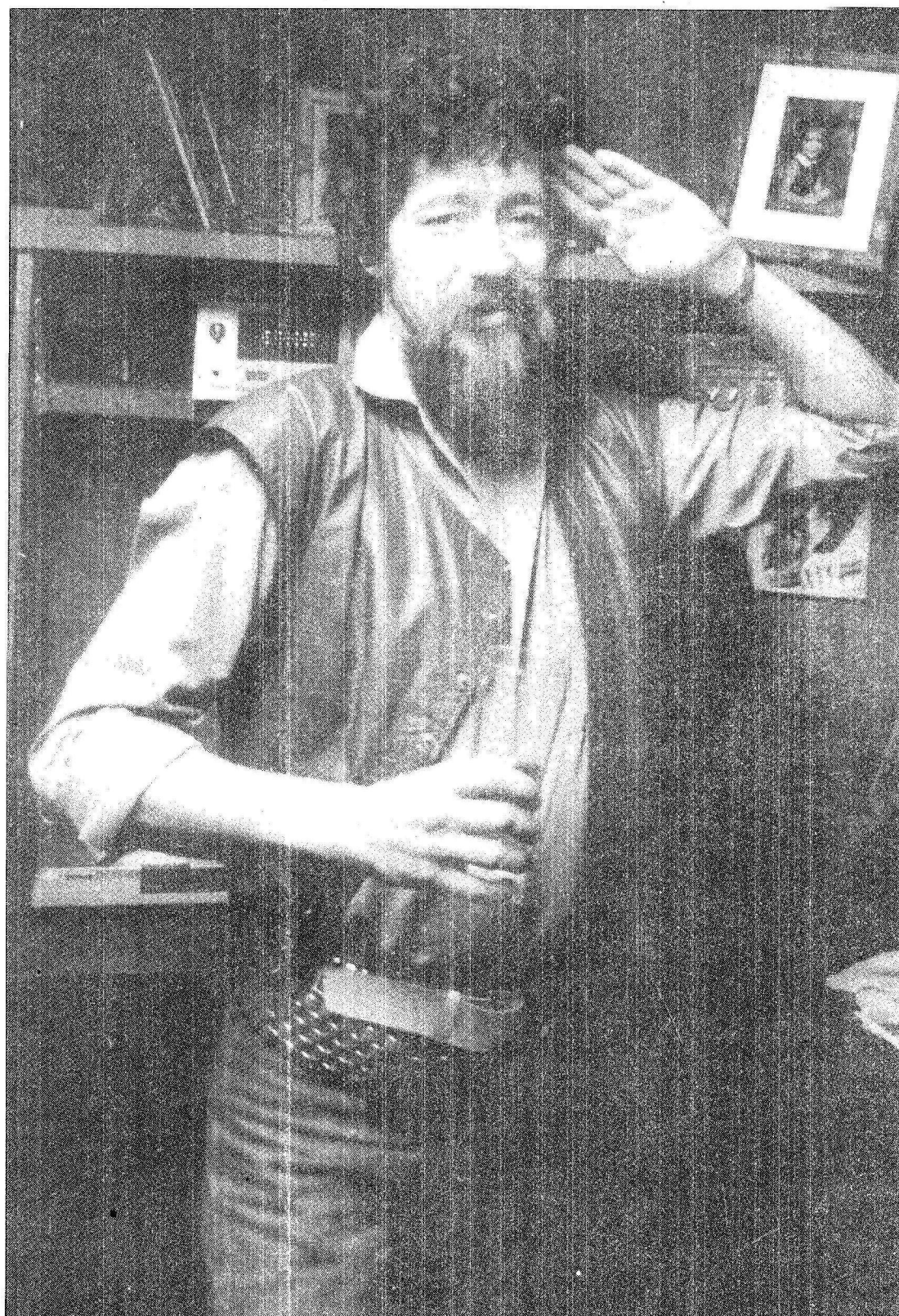
Uma exceção foi o caso do ex-presidente Fernando Collor de Mello (PRN), que teve apoio de Magalhães mesmo quando foi esborrachado do Palácio do Planalto, com a aprovação do impeachment. O senador baiano costuma contar esta história como sinal de sua fidelidade. Ou seja, ele resolveu ser fiel justamente ao único presidente afastado do cargo acu-

sado de corrupção.

O primeiro que passou de aliado famoso a inimigo de Magalhães foi Juracy Montenegro Magalhães, um cearense que governou a Bahia por três vezes e foi senador por dois mandatos. Amigo e aliado do pai de Antonio Carlos Magalhães, ele foi presidente da União Democrática Nacional (UDN) e se tornou padrinho do hoje senador baiano.

Com a ajuda de Juracy Magalhães, Antônio Carlos Magalhães foi deputado estadual, federal, prefeito de Salvador e governador da Bahia. No começo da década de 70, logo depois de se tornar governador, Antonio Carlos Magalhães rompeu com o padrinho. “Foi a maneira de ele formar liderança própria”, lembra um influente político baiano.

Com Juscelino Kubitschek, a quem conheceu graças a uma missão dada por Juracy Magalhães, o senador também teve atitudes controversas. Antonio Carlos era muito amigo do presidente desenvolvimentista, mas permaneceu ao lado do governo militar quando foi decidida a cassação de Juscelino. Em uma conversa telefônica grampeada entre Magalhães e Juscelino, o hoje senador defendeu o presidente Castelo Branco no episódio da cassação. Na entrevista que deu aos jornalistas Ancelmo Góis, Marcelo Pontes, Maurício Dias, Míriam Leitão e Rui Xavier, o atual presidente do Senado disse ter defendido Castelo Branco por não o considerar diretam-



INSPIRAÇÃO

As letras do cantor contrerrâneo Raul Seixas servem como tema para o projeto de ACM contra a pobreza no país; em seu último discurso ele citou a música *Ouro de Tolo*

te responsável pela cassação.

Antônio Carlos Magalhães começou a defender os militares em discursos no Congresso Nacional, como deputado federal, e se manteve fiel a eles durante quase toda a ditadura. Magalhães apoiou o governo na cassação de parlamentares — brigando por isso com mais um amigo, o mineiro Adauto Lúcio Cardoso, que presidiu a Câmara dos Deputados em 1966 e opôs-se às cassações — e fez discursos defendendo os militares.

Quando o regime ditatorial agonizava e a presidência da República era ocupada por João Figueiredo, Magalhães resolveu ir para a oposição. Ele apoiou a eleição indireta de Tancredo Neves contra Paulo Maluf, candidato predileto dos militares. Em 1984, o ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, chamou Magalhães de traidor em um discurso feito em pleno Aeroporto de Salvador. “Traidor é quem apóia um corrupto”, disse Magalhães, se referindo a Maluf, com quem viria a fazer alianças mais tarde.

O ex-ministro Ciro Gomes

disse no livro *No país dos Conflitos* que Antônio Carlos Magalhães briga tanto assim por causa de sua capacidade de ser odiado. “Ele desperta ódios mortais porque tem um defeito, é de um viés autoritário muito grave”, afirmou Gomes. “Ele quer esmagar a crítica, ele não aceita conviver com contrários.”

Um exemplo de difícil convívio ocorreu na gestão de Collor de Mello. Em 1991, Magalhães começou a dizer que havia corrupção no governo e levou o PFL para uma surpreendente oposição ao poder central, algo raríssimo no currículo da legenda. A mudança em alguns ministérios fez Magalhães reavaliar sua posição em relação ao Palácio do Planalto e carregar seu partido de volta ao lugar de costume: a situação.

Nem o apedrejamento público a Collor retirou Magalhães do lado do presidente. “A maior prova de dignidade que dei foi ter ficado com o Collor sabendo que ele estava derrotado”, contou o senador ao grupo de jornalistas. Dignidade com Collor, dubiedade com Juscelino, abandono com os mili-

tares e inimizade com Juracy Magalhães. Os próximos meses dirão qual destes sentimentos o senador vai repetir na relação com Fernando Henrique Cardoso.

Em discurso na quinta-feira passada, ao anunciar o seu projeto contra a pobreza, o senador citou a música *Ouro de Tolo*, de seu contrerrâneo Raul Seixas, para dizer: “Tenho uma porção de coisas para conquistar. Não posso ficar aí parado”. O inconformista *raulzito*, morto há mais de dez anos, se contorceria na tumba se pudesse saber que serviu de inspiração para o conservador Antonio Carlos. Nessa música, ele acrescentou que não podia “ficar aí parado, com a boca cheia de dentes, esperando a morte chegar”. Mas essa é outra história.

O senador sergipano José Eduardo Dutra (PT) não perdeu a oportunidade de provocar a ousadia do colega baiano e ironizou: “Eu prefiro ser esta metamorfose ambulante”, referindo-se a outra música de Raul Seixas. Dutra ressaltava as contradições de quem muda de posição a cada conveniência.